



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

**PLANTAS MEDICINAIS DO POVO PAITER SURUÍ:
sabedoria tradicional na Aldeia Gabgir**

Acadêmico: Alexandre Suruí

Orientador: Reginaldo de Oliveira Nunes

ALEXANDRE SURUÍ

**PLANTAS MEDICINAIS DO POVO PAITER SURUÍ:
sabedoria tradicional na Aldeia Gabgir**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural, sob orientação do Professor Mestre Reginaldo de Oliveira Nunes.

Ji-Paraná – 2015

S962p
2015

Surui, Alexandre

Plantas medicinais do povo Paiter Suruí: Sabedoria tradicional na Aldeia Gabgir. / Alexandre Surui; orientador, Reginaldo de Oliveira Nunes.. -- Ji-Paraná, 2015.

29 p.

Trabalho de conclusão de Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural. – Universidade Federal de Rondônia, 2015

Inclui referências

1. Medicina Tradicional Indígena. 2. Medicamentos medicinais. 3. Cultura Indígena. I. Nunes, Reginaldo de Oliveira. II. Universidade Federal de Rondônia. III. Título.

CDU 39:633.88

Bibliotecário: Alex Almeida CRB 11/ 853



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – DEINTER
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dez dias do mês de julho de dois mil e quinze, reuniram-se no Departamento de Educação Básica Intercultural, os professores avaliadores, Dr. Kécio Gonçalves Leite, Ms. Carma Maria Martini e o orientador professor Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes, para proceder a avaliação do trabalho de conclusão de curso intitulado **“Plantas Medicinais do Povo Paíter Suruí: sabedoria tradicional na Aldeia Gabgir”** apresentado pelo acadêmico ALEXANDRE SURUÍ. Os trabalhos foram iniciados as 11:10, sendo o acadêmico arguido pela banca examinadora por um período de 100 minutos. Após, o trabalho foi considerado aprovado com nota 100. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrado o ato da defesa.

Prof.º Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes – Orientador (UNIR)

Prof.ª Ms. Carma Maria Martini – Avaliadora (UNIR)

Prof.º Dr. Kécio Gonçalves Leite – Avaliador (UNIR)

Alexandre Surui – Acadêmico (UNIR)

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso primeiramente a Deus, em segundo lugar a minha família, esposa Magarachep Suruí, meus filhos (as), Alexssandro Suruí, Alessandra Suruí, Alice Suruí, Aline Suruí e Thaisa Suruí, que sempre esteve ao meu lado, nos momentos difíceis onde sentiam com a minha ausência, mas mesmo assim mantiveram seu apoio para que eu não desistisse do curso. Aos meus pais in memoria (Narayano Suruí) e Pamato Suruí.

Agradeço também o apoio recebido da minha comunidade da aldeia Gabgir, na pessoa do meu cacique Joaquim Surui e dos meus alunos que sempre mantiveram firmes nos estudos, aguardando meu retorno aos trabalhos da docência.

Aos meus professores do curso de Educação Básica Intercultural, professor Kécio Gonçalves Leite, Maria Lucia Gomide e também ao meu orientador, que sempre teve muita paciência para me orientar, professor Reginaldo de Oliveira Nunes, pois sem suas explicações e sua dedicação para com a minha pesquisa, não seria possível concluí-la.

AGRADECIMENTOS

Soe magyh e xiter toy ewar edeka toyjanã yara yd nam masodera we mã õ anae. Xameõmi payter danã xaga manã alade kae. Mater tareh. Kib wah manã wewar itxa payter denã e. Wexiahr ewar, nar ath, ykab ath, laka ah ath, nepikab a ath, akãruhb wewar, akãrasa ajewewar, waba soakawa wewar, manug a ãh wewar, adob ewar. Ena de ximãgih eka oijãã, ewetîga bolama ih ãã e. Waba itxîg ned ywar ãsa aye xemã ih yab gaby ããe. Yeteh xiter a lade mageter PALOB gae. Ayab nar lade oxigaeyd gae. Owapugey kae. Ayanar lade omapayterey kae. Xameõmi lade ywematxor iter omakobayeih kae. Mogeron Surui, Gakamam Surui, Joaquim Surui, Lino Surui. Enateh lade omãsodîg emakid ey kae yete xiter ae. Keço ka, Maria Lucia, goató kA, Xoaxi ka, Luciana ka, Xenivaldo ka, xameõmi xitehr Edinaia ka, Eenãterh ogõa kab emi omãkobade ka omasodige makihd Rexinaldo nuni.

Primeiramente, agradeço a Deus e a minha família, esposa e filhos que tiveram paciência em ficar por alguns meses longe de casa durante a minha carreira de formação de professor desde Projeto Açáí até o nível Superior.

Agradeço o movimento indígena através das lideranças por sua luta buscando garantir o nosso direito com o governo federal e estadual para conquistar e abrir portas através da SEDUC-Magistério Indígena e na Universidade Federal de Rondônia-UNIR-Campus de Ji-paraná- Curso de Licenciatura em Educação Básica intercultural, e principalmente Edinéia Aparecida Isidoro que sempre batalhou pela educação escolar indígena pela formação dos professores.

Agradeço também a comunidade da minha aldeia por ter me escolhido para ser professor, uma profissão que gosto muito.

Agradeço também aos meus colegas de turma das ciências da natureza, que estiveram bastante focados no que estávamos buscando sempre um ajudando ao outro quando trabalhávamos em grupo.

Agradeço também aos meus professores pela qualidade de ensino que deram. Também ao professor Ms. Kecio Gonçalves Leite por ter me orientado na ausência do meu orientador.

Agradeço também meu professor e orientador Reginaldo de Oliveira Nunes, que mesmo distante me orientava através das redes sociais, internet.

RESUMO

Por acreditar na importância, valorização e uso dos remédios que os indígenas vêm usando, durante a sua vida tradicional na floresta antes de contato com não indígenas, foi que resolveu pesquisar e registrar sobre as diversas plantas medicinais do povo Paiter. A pesquisa é importante por ser também possível compreender as diferenças de usos e da cura entre as plantas medicinais e os remédios industrializados e também para levar esses conhecimentos registrados para sala de aula e futuras gerações dos Paiter ey. Considerando as sabedorias, porque os idosos estão morrendo e os jovens Paiter não estão pensando como devemos aproveitá-las, foi que se desenvolveu essa pesquisa. Também observando a grande riqueza que temos nas plantas medicinais, essa pesquisa visa deixar registrado um relatório com informações medicinais de uso e imagens de plantas medicinais para as futuras gerações do povo Paiter. Neste sentido, pode-se trabalhar com o resgate das raízes das plantas junto com meu povo e até mesmo na escola com os alunos. A verdade com esse avanço de estudo, nós indígenas, podemos aproveitar para registrar todas as histórias do povo, para que num futuro não tão distante tenhamos condições de ter parentes médicos, advogados, historiadores, enfermeiros, antropólogos, entre outros, visando sempre a melhoria da qualidade de vida na Terra Indígena.

Palavras-chave: Plantas Medicinais, Povo Paiter, Futuras gerações.

RESUMO NA LÍNGUA INDÍGENA

Ewemagui e ikihd oje ka ojenã ewetiga bolah maih e. ywekar bolah ywesame itxa iakade kamaih e. Eté ojena otisoa eyka iwekar e. Kanã pameremã sona pawar ewa wah takay e. Ete tayje ywemã enã ogay e. Atãga ter te paloia awar pereka poh ogay e. Ete tayje ogay e. baga tehr pawar sadinã pama atãga ani e. Kake pãga akoba masade mamug na ywesameka ewe ikihd ga ãni. Kake sodihg emaga akoba te yweka ani. Waba sodigah ka xiwar a ani. ã oje Omã Tcc emãga esaday xameõme mamugey kabi soe e. Maweterenã ter yara ihd sadinã remédio na anie. Paloakateh guya ohm awa weka. Awekala ytxa ter. Yaba ywesamepig la oje ywe ixoiga, ywetiga, ewe nekoy ah sa xemã iab esadenã eweku ikih anie.

Palavras-chave: Plantas Mediciniais, Povo Paiter, Futuras gerações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	11
PLANTAS MEDICINAIS DOS POVOS INDÍGENAS	11
CAPÍTULO II	14
PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	14
2.1. Histórico do Povo e Caracterização da Terra Indígena	15
2.2. Procedimentos Metodológicos da Pesquisa	18
CAPÍTULO III:	19
PLANTAS MEDICINAIS DO POVO PAITER	19
3.1. A importância das Plantas Medicinais para o Povo Paiter	20
3.2. As Plantas Medicinais do Povo Paiter	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
AGRADECIMENTOS ESPECIAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais são importantes para os diferentes povos, conforme a sua cultura. Sem remédio nenhum povo sobreviveria. Por estes motivos resolvi fazer o meu trabalho de conclusão de curso sobre as plantas medicinais do povo Paiter, para que fique registrado e seja uma história viva para a cultura do meu povo.

As influências de outra cultura fizeram com que o povo Paiter deixasse de utilizar as ervas medicinais e valorizar os medicamentos dos não índios, é um fator que acarretou o abandono dos conhecimentos sobre as plantas medicinais.

A Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-paraná, desconhece o real potencial das ervas e infusão medicinais desse grupo étnico do Estado de Rondônia.

Essa pesquisa tem uma grande importância para o povo Paiter. Essas determinadas plantas medicinais estão se perdendo pelo povo, por essa razão, este trabalho fortalecerá a manutenção da cultura e as relevâncias dos conhecimentos tradicionais desta etnia. Depois do contato com a sociedade não indígena, o povo Paiter vem praticando os conhecimentos ocidentais e desvalorizando os usos dessas plantas medicinais e abandonaram a prática tradicional. A pesquisa vai além, pois se pretende resgatar a utilização, preservando as práticas de usos que é uns produtos indispensáveis para população do povo Paiter.

O Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três capítulos. O primeiro aborda conhecimentos sobre plantas medicinais de povos em geral, a partir de leituras que eu fiz de artigos e outras fontes de informações. O segundo capítulo apresenta a metodologia da pesquisa. O terceiro apresenta os resultados sobre os saberes específicos das plantas medicinais do povo Paiter.

CAPÍTULO I
PLANTAS MEDICINAIS DOS POVOS INDÍGENAS



**ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SERTANISTA JOSÉ DO
CARMO SANTANA.**

A perda da riqueza natural tem diminuído a prática do uso das plantas medicinais. Isso tem facilitado à procura e uso de medicamentos alopáticos para o tratamento de doenças que ocorrem dentro da comunidade indígena.

A maior preocupação com isso é que as comunidades não valorizam mais os conhecimentos tradicionais dos mais velhos sobre as plantas medicinais. É preciso trazer de volta os costumes e os conhecimentos em relação às plantas e uma das alternativas é envolver a escola para que fiquem registrados e os alunos trabalhar na revalorização da cultura e importâncias.

Esta pesquisa é inédita para as universidades e não há registro que fala especificamente sobre as plantas medicinais do povo Paiteer. Mas sim os autores expressam e traz informações de outras pesquisas com outras etnias e sobre as ervas medicinais.

Ao longo de sua história, a humanidade tem utilizado espécies vegetais como Recurso o inerente a sua sobrevivência, desenvolvendo métodos cada vez mais sofisticados para de manipulação desses recursos. A aquisição destas práticas, desenvolvidas e repassadas durante várias gerações, tem despertado o interesse científico de conhecer como os recursos florestais são usados e explorados pelas pessoas. Aliado a isso, existe um quadro preocupante do acelerado processo de degradação que os ecossistemas vêm sofrendo (SAMPAIO e GAMARRA-ROJAS, 2002).

E, semelhantemente ao que tem acontecido, a ocupação territorial pelo avanço das fronteiras agrícolas tem contribuído, inevitavelmente, para o desaparecimento de inúmeros povos indígenas. A apropriação, por parte dos colonizadores, dos territórios indígenas, assim como a conseqüente exploração de suas riquezas naturais, caracterizou-se num processo de forte homogeneização cultural e de crescente comprometimento da diversidade ambiental (BRAND, 2007). Considerando que as comunidades indígenas estão situadas em grande maioria nas Áreas da Floresta Amazônica, é imprescindível que o saber tradicional seja registrado, principalmente porque a arte do uso das plantas acompanha o homem desde os primórdios da civilização humana (PHILLIPS e GENTRY, 1993).

É importante destacar que as populações indígenas articulam conceitos de natureza distintos daqueles que caracterizam a cultura ocidental. As culturas indígenas norteiam-se pela busca coletiva de se compreender e respeitar a linguagem da natureza, na certeza de que a sobrevivência humana dependerá muito mais dessa compreensão do que da capacidade de domínio ou de transformação (BRAND, 2001b). Eles transformam a riqueza desta diversidade em benefícios para manutenção da saúde e beleza. Isto se refere ao "uso tradicional" de plantas. Diversos estudos atestam serem os povos indígenas os responsáveis, em grande parte, pela

diversidade biológica de nossos ecossistemas, produto da interação e do manejo da natureza em moldes tradicionais (ARAÚJO, 2002).

Mas a perda da riqueza natural tem diminuído a prática do uso das plantas medicinais. Isso tem facilitado à procura e uso de medicamentos alopáticos para o tratamento de doenças que ocorrem entre os moradores da comunidade indígena. A maior preocupação com isso é que as comunidades não valorizam mais os conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais. É preciso trazer de volta os costumes e os conhecimentos em relação às plantas e uma das alternativas é envolver a escola e os alunos para trabalhar na revalorização da cultura indígena.

Precisamos destacar a importância da preservação e da valorização da nossa identidade no contexto social indígena, e ao mesmo tempo pesquisar, defender os conhecimentos dos mais experientes da aldeia de como fazer o preparo dos medicamentos naturais e garantir que esses medicamentos possam trazer a cura das doenças que ocorrem em nossas comunidades. As aldeias e os povos indígenas devem ser considerados os detentores do conhecimento sobre a diversidade biológica, principalmente das plantas porque elas sempre foram à base da alimentação, da moradia, da saúde.

CAPÍTULO II
PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA



SABEDORES INDÍGENAS: Gakamam Suruí, Joaquim Suruí e Mongeron Suruí

2.1. Histórico do Povo e Caracterização da Terra Indígena

O povo Paiter teve seu primeiro contato com os não indígenas em Espigão do Oeste, onde ficamos por mais ou menos três anos. Naquele tempo, entre os anos de 1967 e 1973, a cidade estava começando e contava com 3 bares, uma loja, 4 barracas de palhas de arroz. O contato o povo Paiter foi oficializado em 1969.

Nesse mesmo ano, a FUNAI nos trouxe para a linha 14, isso foi à pessoa de Aimoré que era um dos responsáveis pelos Índios. Esse local é o que vivemos até hoje, daí começaram as construções, derrubadas, chegaram as ferramentas para os índios trabalhar, nesse tempo tinham trezentos índios e, depois de alguns tempos devido invasão os índios foram construindo as aldeias em redor da terra e foram saindo dessa aldeia, restando apenas cinquenta pessoas e ficaram só dois clans nessa aldeia que são: GABGIR e KABAN. Daí começaram os casamentos, assim tornaram parente próximo hoje tem tios, tias, primo, avó, avô. Moramos neste local desde 1973 até hoje.

Depois que ficaram dois grupos, criou o nome da aldeia (GABGIR). Assim foi ouvido do meu sogro GEREMIAS GAKAMÃB, também perguntei para agente de saúde LINO SURUI a quantidade de pessoas, ele me disse que hoje na aldeia GABGIR são duzentas e quarenta e duas pessoas, entre crianças e adultos, segundo informações da FUNASA.

A renda da comunidade está baseada na agricultura, com plantio de café e banana, coleta de castanha, recebimento de benefícios do governo federal, como bolsa família e aposentadorias, no entanto ainda existem parentes que vendem madeira ilegal, estas pessoas não têm salário e nem compromisso com a comunidade.

O povo Paiter Suruí é composto por mais de 1.500 indígenas que passaram a ter contato oficial com a sociedade não índia a partir de 1969. Durante a década de 1970 este povo manteve-se relativamente isolado, saindo muito pouco de suas aldeias. No início da década de 1980, devido às pressões dos colonos que invadiam suas terras para derrubada da mata a fim de abrir roçados e pastagens para a pecuária, estes índios foram obrigados a buscar apoio político para defender a integridade de suas terras.

Nessa época havia a atividade de exploração de madeira como alternativa econômica para as comunidades indígenas. De repente, uma comunidade que praticamente não falava português, não conhecia os avanços tecnológicos da humanidade, não lidava com dinheiro e nunca tinha

tido contato com os vícios da cidade, passa a conviver com madeireiros inescrupulosos em busca de enriquecimento da exploração predatória da floresta.

No início os índios se encantaram com as novidades que esta relação lhes trazia e não percebiam os males que a derrubada da Floresta trazia. Rapidamente começaram a abandonar hábitos tradicionais como a coleta, a caça, a pesca, a alimentação tradicional, assimilando algumas práticas nocivas como a bebida. No final dos anos 1980 e início de 1990, com sua população bastante reduzida – de cerca de duas mil pessoas à época do contato o povo Paiter Suruí era composto de menos de trezentos indivíduos -, suas lideranças iniciaram um processo de reflexão sobre as influências negativas que o contato trouxe para sua cultura, a desagregação dos clãs, a desvalorização dos seus etnoconhecimentos e a perda das referências mitológicas. Por sorte três dos principais elementos da cultura Paiter Suruí não foram perdidos e são hoje seus traços mais fortes: a língua, a concepção arquitetônica e a produção e uso de objetos da cultura material.

Ainda detém um grande domínio dos elementos naturais e, entre os mais velhos, a mitologia mantém-se viva. Em decorrência deste processo de revitalização cultural, atualmente o povo Paiter Suruí está organizado em 4 associações clânicas de base (Organização do Povo da Floresta Kaban-ey Suruí, Associação Gãbgir do Povo Indígena Suruí do PIN da Linha 14, Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí – Gamebey e Associação Pamaur de Proteção aos Povos Indígenas Paiter Iter de Rondônia), além das Associações Garan Pãneh Kabaney e instituto Florestal Yabner Gãbgir do Povo Indígena Paiter Suruí. Estas vêm desenvolvendo projetos que visam captar recursos para aumentar as condições de sobrevivência física e cultural do povo Paiter Suruí. Hoje o povo Paiter tem a política interna organizada da seguinte forma: possui um labiway esagah (líder maior), um parlamento composto por dez parlamentares – labiway ey -, um grupo de anciões – pamatoey ey, todos eleitos pelo povo.

Essa organização política foi criada pensando em ser um local de discussões sobre as políticas internas do paiter e para discutir as políticas públicas, buscando por meio do diálogo melhorias para os mesmos. Tem quatro princípios norteadores: 01-Princípio da união e integração: expressa o consenso do povo, busca união nas políticas internas e externas e nas ações comunitárias que visam o bem-estar comum; 02-Princípio da proteção do território tradicional e da gestão sustentável: expressa o respeito e compromisso com a vida humana e a biodiversidade. Busca a utilização racional e sustentável dos recursos naturais, garantindo a vida da floresta, de seus animais e da comunidade e simultaneamente contribui para a diminuição da emissão de GEEs para a atmosfera; 03-Princípio do fortalecimento do conhecimento tradicional: expressa o respeito pelos conhecimentos ancestrais e busca valorizar os preciosos saberes e

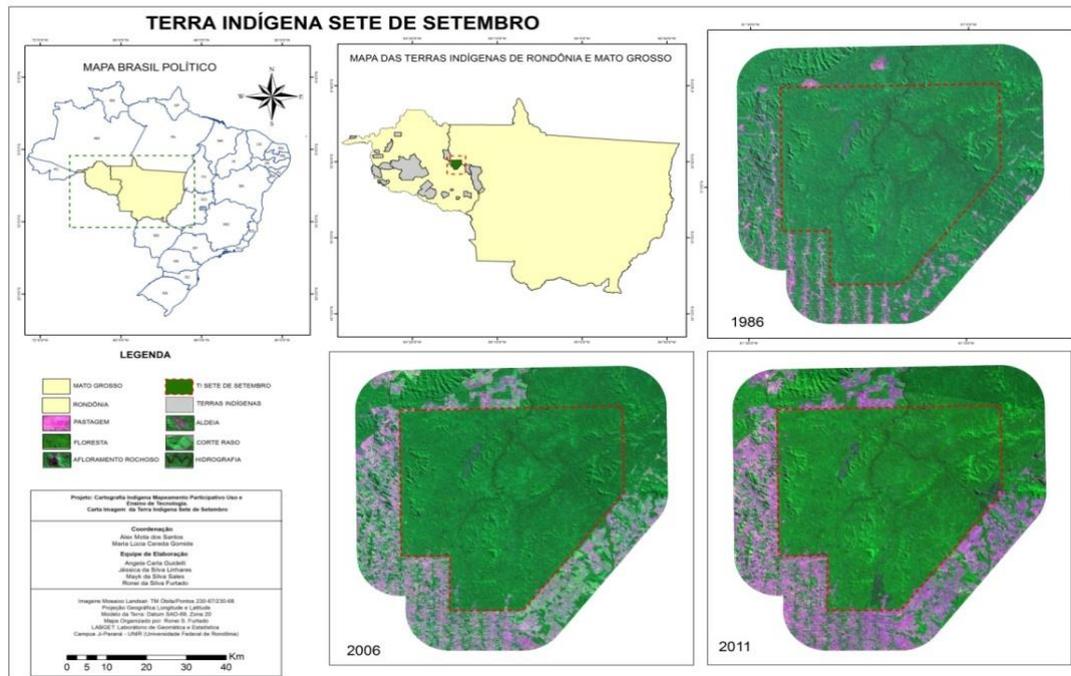
práticas culturais tradicionais, unindo o povo e contribuindo para o fortalecimento para a identidade étnica;04- Princípio da ampla participação: expressa o valor da democracia pura, onde todos têm direito de se expressarem e serem considerados em suas opiniões, para o alcance do bem comum.

Atualmente o povo Suruí tem cerca de 28 professores indígenas em Rondônia e 08 professores indígenas (05 pelo município e 03 pelo estado) em Rondolândia – MT, contratados e dando aulas bilíngües nas suas aldeias. Cerca de 450 alunos, sendo que uma das dificuldades destes alunos é a influência da língua portuguesa. Pensando em estratégias de educação específica e diferenciada que contemplem as dificuldades de compreensão da língua portuguesa, a necessidade do domínio escrito da língua Paiter Suruí e a valorização dos seus etnoconhecimentos, todas as aldeias deram a sua contribuição na realização do diagnóstico do Território Etnoeducacional Tupi mondé.

PAITER é o nome verdadeiro do povo SURUI no histórico da criação do mundo os idosos contam que foi DEUS quem deu este nome para nós, assim que fez primeiro Homem DEUS chamou de PESSOA, GENTE parecida como ele. A partir do contato que nos recebemos nome SURUÍ este apelido foi dado por um grupo Indígena DA ETNIA GAVIÃO DE RO por pintura e risco que temos no rosto chamamos de (YORI). Da época do contato chamou a gente de JOREI, Pelo mau entendimento do não indígena nos registrou por este apelido. (PAITER nos significa mesma gente de verdade). Este é o nome verdadeiro do SURUI. (PAITER).



Aldeia Gapgir



Localização da Terra Indígena da Linha 14, Município de Cacoal, RO.

2.2. Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Foi realizado um levantamento sobre as plantas medicinais através das imagens, anotações, entrevistas, vídeos e gravação durante o desenvolvimento da pesquisa. Quando o sabedor mostrava as plantas medicinais, eram registrados através de fotografias para auxiliar posteriormente na identificação das plantas e facilitar os relatos de cada uma das plantas, como as preparações e a utilização para combater determinadas doenças.

Pedi ajuda do meu Tio Mongeron, pedi para ele me ensinar e explicar em todas as das funções das plantas medicinais que foi mostrando e assim fui registrando a sua fala, até porque ele era pajé do povo paiter, deixou de ser pajé porque frequenta igreja convidei e pedi ajuda dos outros dois meus Tios que são irmãos do Mongeron também para explicar da forma que eles entendam sobre as plantas medicinais, porque o entendimento e conhecimento de cada pessoa é diferente do outro os nomes das pessoas são Joaquim Suruí e Jeremias Suruí. É assim posso ensinar meus alunos sobre as plantas medicinais dentro da sala de aula, para que eles tenham conhecimentos um dia, vai ficar registrado e também pode ficar guardado na biblioteca da escola, na associação, para próximos alunos ter conhecimento, posso usar a práticas, como podemos usar o uso do remédio das plantas medicinais.

Este trabalho foi feito e pesquisado na ALDEIA GABGIR, na linha 14, na área sete de setembro município de Cacoal.

**CAPÍTULO III:
PLANTAS MEDICINAIS DO POVO PAITER**



APRENDENDO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS COM OS SABEDORES PAITER

3.1. A importância das Plantas Medicinais para o Povo Paiter

As plantas medicinais são muito importante para o povo Paiter, não só para Paiter, mas tanto para outros povos de cultura diferentes.

Dizem os mais velhos que a parte da planta que entra no chão é aproveitada e a parte de fora é geralmente colocada de novo dentro do buraco da onde foi tirado para que as plantas possam brotar novamente.

Para saber se a pessoa vai resistir da doença ou curada, as plantas nascem de novo conforme a planta vai nascendo a pessoa doente vai vivendo novamente. O cipó que serve de remédio é raspado com cuidado em certo lugar e não pode machucar a madeira para não que a planta não seja prejudicada ou morta, as árvores que servem de remédio também são tratadas da mesma forma.

Mas quem era responsável pela Saúde na Aldeia? Não tinha pessoa certa para isso, tinha pessoa experiente que aprendeu com o Pai, pessoas que iam procurar esta pessoa. Essa experiência é passada Pai para filho.

O Pajê Mogeron disse que ele curava os doentes através dos espíritos e dos remédios. Os espíritos que ele usava para curar doente eram chamados de PALARA, PAMIKÎH-JABUTISÃO, NARAY IHP. Esses três são poderosos, mais fortes e também pode considerar eles como contato do pajé com o espírito que poderia levar a pessoa a morte.

Existem outros espíritos que ficam aqui na terra, esses acompanham o Pajé em todos os momentos para proteger do perigo, pois o Pajé é muito perseguido pelos outros tipos de espíritos que são do inimigo. NARAY IHP como se fosse espada que pajé usava para espantar perigo, ele soprava na ponta do NARAY IHP no rumo do perigo que vinham, por exemplo: vento, ataque do inimigo, perigo etc. MIXAKOÎ AH, é um tipo de grilo que também protege as pessoas. A pessoa ganhava logo que nascia, a mãe pegava o grilo colocava para atravessar o rio falando assim - “você é protetor do meu filho todos momentos do perigo e acompanha também quando estiver bom, peço ainda a você que de vez em quando visite meu filho”.

Todo grupo cultural tem Pajé. Hoje não temos Pajé na nossa aldeia por motivo da chegada da igreja, o Pastor proibiu, deu medo a ele dizendo que esse trabalho do Pajé é do DIABO, não é pertencente a DEUS, isso não leva as pessoas ao CÉU, isso pode levar ao inferno, e deu medo.

Hoje, as plantas medicinais que nós usávamos antes do contato são usadas muito pouco devido o motivo de conhecimento, pois as pessoas de hoje não sabem aproveitar da experiência

dos mais velhos, que já se foi mais mesmo assim são usados pouco. Hoje o jovem não se interessa, utiliza mais o remédio da farmácia.

É evidente a certeza da mudança drástica na concepção em relação ao que levou o desuso das plantas medicinais na cultura dos Paiter Surui. A evidência da mudança concerne radicalmente na sua importância de uso em relação ao valor que os remédios industrializados obtêm atualmente entre os Paiter diante das plantas medicinais de seu uso comum e de grande importância antes do contato, ao que qualifica a vantagem de serem usuários sem precedência dos remédios industrializados causando a assimetria dos valores entre ambos.

O reflexo mais causativo está na decadência das informações sobre essas plantas passadas por meio da oralidade pelos mesmos, tanto quanto informações palpáveis registradas e resguardadas. Portanto, essa assimetria de uso ou até mesmo desuso total é o que demonstra a mudança em relação ao uso das plantas medicinais pós-contato.



Naraihp – Bastão do xamã (Todas as vezes que vai curar as pessoas o Pajé sempre carrega o NARAIHP).



NARAY IHP depois de feito.

3.2. As Plantas Medicinais do Povo Paiter

A seguir são apresentadas as plantas medicinais do povo Paiter. Sempre foi utilizado a imagem da planta, o nome, para que serve e como utiliza. São listadas dez plantas utilizadas pelo povo Paiter.

PLANTA 01 – GÃPIKÃREY-A

É usado em fraturas. Colhe um pouco do cupim presente na casca, molha com água e fazem barro passa no lugar.

PLANTA 02 – MATXAHK (Escorrega Macaco)

É raspada a casca, mistura com água e bebe muito até encher barriga, depois vomita para jogar doença pra fora ou comida que faz mal. Também é exprimida a casca raspada molhada em cima do machucado e servi também quando o olho está com conjuntivite.

PLANTA 03 – GAB-EYPAGAH

É raspada, mistura com água e bebe. Serve para diarreia ou dor de barriga.

PLANTA 04 – MOKOP (Bananeira do Mato)

Arranca-se o miolo da folha de bananeira e espreme em cima da picada de cobra e inseto. Ela serve como anestesia.

PLANTA 05 – MORATAPOH

Retira a casca e coloca de molho por vários dias, depois tomar banho várias vezes e também beber até encher a barriga, depois vomitar para jogar a doença para fora ou a comida que fez mal.

PLANTA 06 – GEROXAKUP-EYPAGAH

É raspado e molhado, depois espreme em cima do corte ou machucado.

PLANTA 07 – GONYÕ

É retirada a casca e quando aparece leite é raspada com a unha do dedão da mão e coloca na inflamação da boca.

PLANTA 08 – SÃY

É remédio para dor de dente. Vai mordendo várias as vezes até ficar dormente, serve como anestesia.

PLANTA 09 – PEXOEPABEWAHR

É raspado a casca e coloca em molho. Tem que estar sempre perto do fogo e tomar um copo toda vez que vai e tomado banho com a mesma água e algumas vezes tomado bastante, depois vomitar.

PLANTA 10 – PAXAMEHKORAH

Elimina dor de cabeça ou dores nas juntas do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plantas medicinais são de muita importância para o povo Paiter, pois desde antes do contato eles já vem utilizando para alívio das doenças. No entanto, depois do contato, novas doenças vieram e o povo acabou tendo que buscar novas plantas e infelizmente os mais novos, procurando os remédios alopáticos, devido a perderem o interesse no conhecimento dos mais velhos sobre as plantas medicinais.

O conjunto de resultados sobre as plantas medicinais permite visualizar grande importância para a saúde da comunidade indígena que se automedica, com as ervas existentes na região. Os sabedores representam uma fonte milenar de informações e estes devem ser registrados e disponibilizados as futuras gerações.

Essa pesquisa vem contribuir com o registro das informações sobre as plantas medicinais para que o mesmo possa ser utilizado na escola Paiter e esteja disponível para as futuras gerações.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Após o término da pesquisa, quero agradecer aos meus Sábios Paiter Suruí, Mogeron Surui, Gakaman Suruí, Joaquim Surui, que com sua imensa sabedoria e gratidão me cederam seu tempo e seus conhecimentos ancestrais que já receberam de seus antepassados, sendo estes saberes que foram memorizados e ainda hoje trazem essas memórias vivas, portanto como professor e agora pesquisador da nossa ciência, me sinto privilegiado e agradecido por tantos conhecimentos que a mim foram repassados, para o registro, sou imensamente grato pela vasta experiência que junto desenvolvemos no decorrer da pesquisa.

Pesquisa essa que será de suma importância para os Paiter Suruí, pois o papel da escola/educação Indígena registrar esses conhecimentos e servir de currículo para nossa educação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.V. Acesso a recursos genéticos e proteção aos conhecimentos tradicionais associados. In: LIMA, A. (Org.). **O direito para o Brasil socioambiental**. Porto Alegre: Instituto socioambiental. 2002.

BRAND, A. Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. **Interações**. Campo Grande: v.1, n.2, p.59- 68, 2001b.

BRAND, A. Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento a entrada de nossos contrários. In: Conselho Indigenista Missionário - Regional MS, Comissão Pró-Índio de São Paulo e Ministério Público Federal (org.). **Conflitos de direitos sobre as terras guarani/kaiowá no Estado de Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Palas Athena, 2001 a. p.93-131.

BRAND, A. **Povos indígenas na região do Pantanal e do Cerrado: desenvolvimento participativo, universidades e pesquisa-ação**. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2007.

PHILLIPS, O., GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v.47, n.1, p.15-32, 1993.

SAMPAIO, E.V.S.B; GAMARRA-ROJAS, C.F.L. Uso das plantas em Pernambuco. In: TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (orgs.). **Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco**. Recife: Secretaria de Ciências, Tecnologia e Meio Ambiente, Editora Massangana, v.2, 2002.